

Sem pistas contra Murat

A PJ suspeitou de uma **ligação entre Robert Murat e um dos amigos do casal McCann**. De resto, há poucos indícios: em casa do arguido só encontraram um vibrador e um artigo sobre Casanova

Graça Rosendo
graça.rosendo@sol.pt
Felícia Cabrita
felicia.cabrira@sol.pt

A POLÍCIA Judiciária (PJ) voltou, esta semana, à linha de investigação que estabeleceu nos dias logo a seguir ao desaparecimento de Madeleine McCann, na Praia da Luz, e que visava apenas dois alvos: o grupo dos nove ingleses, que passava férias no Ocean Club e que inclui os pais da menina desaparecida, e Robert Murat, o único arguido deste inquérito. As várias pistas seguidas em diversos países parecem estar definitivamente esgotadas.

Na terça-feira, a Judiciária de Portimão fez, durante seis horas, um interrogatório cerrado a Murat. No dia seguinte, acareou-o com três amigos do casal McCann. Segundo soube o SOL, nenhum deles foi confrontado com a existência de novas informações. A PJ centrou as inquirições nas contradições detectadas nos vários interrogatórios a que foram sujeitos ao longo desta investigação – em particular o facto de, entre várias dezenas de testemunhas, apenas os amigos do casal e uma funcionária do Ocean

Club terem garantido que viram Murat nas imediações do apartamento dos McCann na noite do desaparecimento de Maddie.

Nem os agentes da GNR, a primeira autoridade a chegar ao local, se recordam da sua presença naquela noite, tendo garantido que só o viram no dia seguinte.

A Judiciária mantém, de qualquer modo, Robert Murat como principal suspeito e tem mesmo explorado a possibilidade de haver ligações entre o luso-britânico e Russel O'Brien, um dos membros do grupo dos nove. O único elemento de ligação entre ambos é, porém, o facto de Murat ter ido, dez dias antes do desaparecimento de Maddie, à cidade de Exter, em Inglaterra, onde tem uma irmã

e onde também vive o casal de médicos Russel e Jane.

Este amigo dos McCann, que agora voltou a Portimão para ser acareado com Murat, é um dos três elementos do grupo dos nove e que disse ter visto o luso-britânico no local dos acontecimentos.

Vibrador e Casanova

Robert Murat, filho de mãe inglesa e pai português, estava, na manhã seguinte ao desaparecimento, no local onde tudo aconteceu, tendo-se tornado, de imediato, tradutor da imprensa, da GNR e da PJ.

Desde logo se percebe o à-vontade com que se move por ali, entrando no apartamento dos McCann e no clube turístico várias vezes. Assiste, por isso, às várias

diligências das autoridades e ouve alguns dos depoimentos recolhidos nos primeiros dias. Mas gosta de dar nas vistas, asseguram os amigos. E chega a gabar-se de ter feito traduções para a polícia britânica, em Northfolk, e de conhecer a actuação dos pedófilos no Algarve.

Em apenas dois dias, porém, Murat passa a ser suspeito. A imprensa inglesa recordou um caso passado em Londres, em que o autor de um crime esteve sempre presente nas investigações, e começou a levantar dúvidas. A polícia foi alertada e, sem que ele se apercebesse, começou a sondá-lo sobre a sua vida, preferindo mantê-lo por perto a afastá-lo da investigação.

Mas Murat também se apercebeu do que andava a ser dito sobre si. E chegou a contar, informalmente, à laia de álibi, que na noite dos acontecimentos tinha estado com a namorada – segundo contaram ao SOL alguns dos seus amigos.

Uma semana depois, Murat foi constituído arguido. Na primeira vez em que foi formalmente ouvido, deu uma versão diferente do que fez naquela noite: não estivera com a

namorada, mas sim em casa, a jantar com a mãe.

Esta é uma das contradições com que Robert Murat terá sido confrontado na PJ, na terça-feira. De resto, a polícia tem pouco mais a apontar-lhe, a não ser o facto ter carro próprio – o que lhe daria, em relação aos suspeitos do grupo dos nove, maior mobilidade para se afastar rapidamente com a criança do local do crime, disse ao SOL fonte policial.

Na busca efectuada à sua casa, foi ainda encontrado um vibrador e um artigo da *Telegraph Review*, com o título 'Lock up your daughters' («tranquem as vossas filhas»). Trata-se de uma resensão a uma obra literária sobre Casanova, que põe a possibilidade do célebre conquistador poder ter sido pedófilo. Além disso, descobriu-se também que Murat e a namorada costumavam consultar sites pornográficos com adultos.

'Uma grande confusão'

Jennifer Murat, a mãe, confirma ter jantado em casa com Robert, naquela noite. Os registos das chamadas telefónicas feitas entre as oito e a meia-noite,

disseram ao SOL fontes próximas dos Murat, promovam isso mesmo: «Existem chamadas quer dos telemóveis quer dos telefones fixos que demonstram que, à hora a que dizem que o viram, ele estava em casa».

Barend Weijdon, um holandês que se estabeleceu na Praia da Luz há dez anos como gestor de propriedades, soube do desaparecimento da criança por volta das dez da noite, através de um amigo. Esteve a poucos metros do local, entrou no Ocean Club e participou nas buscas. Chegou primeiro que as autoridades, assegura ao SOL. «Conheço bem o Robert e, se ele tivesse estado lá naquela noite, eu, tal como muitos amigos meus que estiveram no local, teríamos dado por ele seguramente», disse. E acrescenta: «Cheguei lá depois das 22 horas e fiquei até às três da manhã. Não o vi. Mas lembro-me de ter visto o pai da Maddie e um amigo a falarem com a GNR».

Também June Wright e o marido, que têm um bar na Praia da Luz, ao sabermos da notícia, juntaram-se à multidão e participaram nas buscas daquela



Kate e Gerry McCann, pais da criança desaparecida



Robert Murat é o único arguido no inquérito ao desaparecimento de Madeleine



A Judiciária interrogou e fez uma acareação entre Robert Murat e três dos amigos do casal McCann que estavam no Ocean Club



FOTOS DE MELANIE MAPS

noite. Conhecem Murat há muitos anos e têm a certeza de que, se ele lá estivesse, teriam dado por ele.

«Aquilo ficou cheio de gente, que nós não conhecíamos», disse June ao SOL. «Estava tudo uma grande confusão», acrescenta. Uma confusão que, diz uma funcionária do hotel, poderia, afinal, ter permitido tudo.

As versões dos amigos

Os três amigos dos McCann que voltaram agora a Portimão dizem o contrário. Fiona Payne e Rachel Mumpilly asseguraram ter visto Robert Murat no Ocean Club pelas 23h45, enquanto Russel diz tê-lo visto por volta da uma da manhã. Estas garantias foram dadas, no entanto, já depois de Murat ter sido constituído arguido. Porque anteriormente, confrontados com a possibilidade de terem visto alguém suspeito no dia do desaparecimento da filha dos McCann, nada disseram.

«Ele até me contou que tinha uma filha da mesma idade de Madeleine», disse Russel, que há duas semanas falou com o SOL sobre o caso. E Fiona Payne referiu que, na altura, rela-

ta à polícia que «ele parecia estar a espreitar para dentro do apartamento» naquela noite.

Este foi o ponto alto da acareação desta semana, realizada pela PJ e que pôs em confronto os amigos de Kate e Gerry McCann com Robert Murat. Mas estão ainda por esclarecer as contradições que levaram a Judiciária a desconfiar, desde o início, do grupo dos nove ingleses.

Recorde-se que eram 22h00 quando Kate decidiu ir ver os filhos ao apartamento. E este é o único momento da história que reúne consenso nas várias versões que o grupo foi dando ao longo das investigações. Madeleine tinha desaparecido do seu quarto e os gémeos dormiam, como se nada se tivesse passado.

Em segundos, o aldeamento ficou num alvoroço. Os quatro homens do grupo e os funcionários do clube vasculham cada recanto. A GNR chega ao local mais de uma hora depois e a PJ só passadas mais de duas horas. Surgem as primeiras interrogações: onde estavam os pais quando a criança desapareceu? Gerry responde que os nove jantavam no resta-

rante Tapas e se revezavam para, com alguma regularidade, verificar se as crianças estavam bem.

Começa por dizer que a primeira vez que saiu da mesa para ir ver os filhos foi pelas 21h05. Quando entrou no apartamento, apenas estranhou que a porta do quarto estivesse entreaberta. Mas olhou para a janela, que estava fecha-

Gerry alterou várias vezes a sua versão dos factos

da, tal como a persiana, e descansou.

A sua amiga Jane Tanner; mulher de Russel, conta que, dez minutos depois de ele se ter sentado à mesa, foi a sua vez de fazer a ronda pelos quartos. Cruzou-se com um homem moreno que, com uma criança ao colo, passava em sentido contrário e não estranhou. Mas fixou o indivíduo de alto a baixo, ao ponto de mais tarde o descrever com pormenor:

Uns minutos mais tarde,

é a vez de Matthew, marido de Rachel, sair do Tapas. Entrou no quarto e viu os filhos dos McCann a dormir. Não deu por nada estranho.

Quando, às 22h00, a mãe de Maddie dá conta do desaparecimento da filha, a janela está toda aberta e as persianas levantadas. Para a GNR, este é um cenário pouco provável. Um dos militares garantiu,

há duas semanas, ao SOL: «Estamos a falar de uma zona silenciosa, onde praticamente não passam carros. Aquela persiana era difícil de levantar por fora e teria feito barulho. Era muito mais fácil

entrar pela porta, mas não havia sinais de arrombamento».

A narrativa do último jantar do grupo tem também desvios. Uns garantem que, de meia em meia hora, alguém saía da mesa para controlar os miúdos. Outros, reduzem o tempo a metade. Uns dizem que o controlo era feito janela a janela. Outros, que os adultos entravam nos apartamentos uns dos outros.

Um dos empregados de serviço nessa noite não se

recorda de tanto movimento: «Só me lembro de um homem, alto e grisalho, se ter levantado da mesa». Tratava-se de Russel, que dois dias antes também não marcara presença no jantar. Uma professora de aeróbica do resort anima os jantares do Tapas com um 'Quiz'. Às 21h30, quando termina o jogo, Gerry convida-a para a mesa, onde fica cerca de meia hora. Durante esse tempo, confidenciou a amigos, ninguém saiu da mesa, mas havia um lugar vago.

Jeremy contraria

Gerry altera várias vezes a sua versão, mas mantém que a porta do quarto dos filhos estava aberta. Matthew, por seu lado, desdiz o que dissera na primeira noite. Afinal, quando entrou no quarto de Madeleine a porta estava aberta e havia mais luz, como se as persianas tivessem sido subidas. Começa a esboçar-se a teoria de que alguém já estaria dentro do apartamento. O que vem reforçar a história de Jane.

Mas há uma testemunha que está à hora certa, no lugar errado. Jeremy Wilkins, que travara conhecimento com o pai de Maddie durante as férias e

com ele jogava ténis, passava por ali o filho de oito meses. Encontrou Gerry, que saía pelas traseiras do apartamento, e trocou com ele dois dedos de conversa. Por essa altura, fazendo fé nas primeiras versões, Jane estava a sair do Tapas, em direcção à entrada principal dos apartamentos, e cruza-se com os dois. Jeremy contraria-a: «Era uma rua muito estreita e acho quase impossível alguém passar por ali sem que eu desse conta».

Quando a britânica chega ao topo da rua, vê um indivíduo com uma criança ao colo. Apesar da fraca iluminação e de a situação não lhe ter parecido suspeita, descreve com pormenor as calças beges, o casaco escuro e grosso e os sapatos pretos de tipo clássico. Jeremy insiste: «Se isso tivesse acontecido, o mais provável era eu ter visto».

Jane não veio a Portugal participar nesta nova ronda de depoimentos. E a reconstituição dos acontecimentos daquela noite está por fazer. Não se sabe ainda, por isso, se o homem que a britânica diz ter visto naquela noite com uma criança ao colo é ou não Robert Murat.

* com Margarida Davim